

Poppies in July: a dor da traição na confissão plathiana

Poppies in July: the pain of betrayal in Plath's confession

JOSÉ IGNACIO RIBEIRO MARINHO

Mestre em Letras (UFJF)

josebrenatti@gmail.com

Resumo: *Poppies in July* (Papoulas em Julho) é um dos poemas escritos por Sylvia Plath (1932-1963), publicado no livro *Ariel*. A autora norte-americana insere-se no contexto modernista, vinculada ao movimento confessional, ao lado de escritores como Anne Sexton e Robert Lowell. Inicialmente, este estudo apresenta considerações sobre a produção literária estadunidense das décadas de 1950 e 1960, período em que se consolida o confessionalismo. Em seguida, realiza-se a análise estética e temática do poema *Papoulas em Julho*, com foco nas marcas confessionais nele presentes. Para sustentar a discussão, foram mobilizadas pesquisas de Hervot (2013), Tavares Júnior (2011), entre outros, que abordam o confessionalismo e a obra de Sylvia Plath. O poema revela uma confissão da poeta sobre a dor provocada pela traição e separação, evidenciando suas fragilidades em um movimento de fuga e evasão da realidade.

Palavras-chave: literatura norte-americana; modernismo; confessionalismo; Sylvia Plath; *Poppies in July*.

Abstract: *Poppies in July* is one of the poems written by Sylvia Plath (1932–1963), published in the collection *Ariel*. The American author is situated within the modernist context, associated with the confessional movement alongside writers such as Anne Sexton and Robert Lowell. This study first presents considerations on the U.S. literary production of the 1950s and 1960s, the period in which confessionalism was consolidated. It then carries out an aesthetic and thematic analysis of the poem *Poppies in July*, focusing on the confessional features present in it. To support the discussion, research by Hervot (2013), Tavares Júnior (2011), among others, has been mobilized, addressing confessionalism and Sylvia Plath's work. The poem reveals the poet's confession about the pain caused by betrayal and separation, exposing her vulnerabilities in a movement of escape and evasion from reality.

Keywords: American literature; modernism; confessional poetry; Sylvia Plath; *Poppies in July*.

1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Tomando como base a história da literatura universal, observa-se que, nas literaturas estrangeiras modernas, assim como em tantas outras, os gêneros autobiográficos e epistolares permaneceram à margem das prateleiras das livrarias por um período considerável. Tal situação pode ser explicada pelo fato de a crítica e a historiografia literárias não reconhecerem essas escritas do “eu”, com suas exposições íntimas, como um produto de natureza literária.

Temáticas consideradas tabus — como o aborto, o alcoolismo (e os vícios em geral), o incesto, a condição homoafetiva, a sexualidade em seus múltiplos espectros, o suicídio e os transtornos emocionais (como a depressão) — dificilmente eram tomadas como “mola propulsora” de material literário.

Entretanto, esse cenário parece ter se alterado no contexto contemporâneo. Ao adentrar livrarias físicas ou plataformas virtuais, é possível encontrar anotações, autobiografias, bilhetes, cartas, diários, memórias e textos afins — muitas vezes centrados em temáticas antes marginalizadas — concebidos, agora, como legítimos produtos de natureza literária.

É inegável que, no âmbito da escrita confessional, muito se deve a autores como William De Witt Snodgrass (1926-2009), Sylvia Plath (1932-1963), Robert Lowell (1917-1977), John Berryman (1914-1972), Elizabeth Bishop (1911-1979), Anne Sexton (1928-1974), entre outros, que, entre o final da década de 1950 e o início da de 1960, trouxeram à cena literária uma tapeçaria oriunda do “eu”, inaugurando um estilo que, com o passar do tempo, influenciaria outros intelectuais.

A escritora norte-americana Sylvia Plath, aluna de Robert Lowell (considerado o fundador do confessionalismo) e amiga de Anne Sexton, igualmente discípula de Lowell na mesma turma, destacou-se pela produção de contos, poemas e do romance autobiográfico *A redoma de vidro* (1963), de caráter confessional.

Do ponto de vista literário, a escrita plathiana pode ser compreendida como cambiante, uma vez que, ora se inscreve no plano da ficção, ora no do real, instaurando, de forma criativa, um conflito de recepção em seu público-alvo.

Ao analisarmos *Papoulas em Julho*, não se tem a pretensão de “revelar os segredos” de Sylvia Plath, tampouco de estabelecer uma cisão rígida entre aquilo que pode ser fruto da realidade e o que se constitui como pura ficção. Este estudo busca, antes, reconhecer a relevância estético-histórica da escrita confessional. A produção plathiana, assim como a de outros autores de sua época, evidencia que o íntimo também configura território artístico-literário, cujas manifestações transcendem o tempo e os julgamentos críticos.

2 O CONFESSIONALISMO NAS LETRAS NORTE-AMERICANAS: UM POUCO DE ACEPÇÃO, CARACTERÍSTICAS E HISTÓRIA

Traçar uma cartografia da história da literatura norte-americana, como de qualquer outra tradição literária ou artística, constitui tarefa complexa, pois demanda do pesquisador a consideração de múltiplos fatores, entre os quais se destaca o acesso a uma fortuna crítica consistente, nem sempre disponível.

Nesta breve seção, busca-se evidenciar alguns aspectos do confessionalismo (ou poesia confessional) no panorama literário norte-americano, explicitando o que se entende por *confessional poetry*, bem como algumas de suas características e a ambição histórica que sustenta esse estilo de escrita, apresentando, ainda, poetas que lhe são representativos.

No contexto das décadas de 1950 e 1960, a poesia, em comparação à dramaturgia e à prosa, adquiriu maior visibilidade tanto pela crítica literária quanto pelo

mercado editorial, em razão de suas temáticas intimistas e pessoais, bem como pela diversidade de formas empregadas, que variavam das mais tradicionais ao verso livre.

Anteriormente, a poesia encontrava-se, em grande medida, sob a tutela das academias e dos círculos literários, sendo concebida como uma prática elitizada, erudita e restrita. Contudo, com as influências advindas das mídias de massa (jornais e revistas) e das tecnologias eletrônicas emergentes (rádio e televisão), a poesia adquiriu maior projeção social.

Nesse período, destacaram-se autores como Allen Ginsberg (1926-1997), Jack Kerouac (1922-1969) e Robert Lowell (1917-1977). Este último, responsável pela publicação de *Life Studies* (1959), teve sua produção inicialmente marcada pela atenção às formas tradicionais, como métricas e rimas preestabelecidas, à semelhança de outros poetas de sua geração. No entanto, sua poética passou a ser fortemente atravessada por influências simbolistas e surrealistas, direcionando-se progressivamente a temáticas de natureza mais intimista e pessoal, como o matrimônio e os transtornos emocionais.

Por meio da publicação de *Life Studies*, o crítico, editor, poeta e professor norte-americano Macha Louis Rosenthal (1917-1996) cunhou a expressão *confessional poetry* (poesia confessional), utilizada para designar produções de caráter íntimo e pessoal, frequentemente voltadas a temáticas consideradas tabu, tais como aborto, adultério, incesto, transtornos emocionais, homoafetividade, uso de entorpecentes e traumas da infância e adolescência (Azevedo Filho; Tavares Júnior, 2018).

Embora esses autores recorram à experiência pessoal em suas produções, suas obras não se reduzem a uma dimensão egóica, pois promovem igualmente uma dimensão comunitária, estabelecendo uma espécie de conexão emocional com o público-leitor, que muitas vezes reconhece nessas narrativas situações semelhantes às vividas em sua própria realidade.

Neste contexto, nas letras norte-americanas, destaca-se a figura emblemática de Sylvia Plath. Em *A redoma de vidro*, único romance publicado originalmente em 1963 sob o pseudônimo de Victoria Lucas, a autora aborda psicopatologias como a depressão e os tratamentos disponíveis à época, como os eletrochoques, vivenciados, inclusive, pela própria escritora, conforme registrado em seus diários.

Tanto em sua prosa quanto em sua poesia, observa-se a recorrência da fusão entre elementos do mundo real e recursos ficcionais, prática também identificada em outros escritores contemporâneos, como Anne Sexton. Tal recurso, longe de se caracterizar como um exercício egocêntrico, revela-se como um procedimento estético próprio da escrita confessional.

Uma de suas características fundamentais é o caráter autobiográfico, permeado por temáticas frequentemente consideradas pessimistas, como a busca por aceitação, a morte e a solidão, entre outras.

As influências do confessionalismo na literatura norte-americana foram múltiplas, possibilitando a sedimentação de um campo que, posteriormente, permitiu o surgimento de outros intelectuais das letras capazes de expressar suas subjetividades na escrita, como Marie Howe, Sharon Olds e Victorine Dent.

Cumpre destacar que tais influências ultrapassaram o âmbito norte-americano, uma vez que escritores como Ocean Vuong e Rupi Kaur também incorporaram o estilo em suas produções literárias. No Brasil, autores como Ana Cristina Cesar, Caio Fernando

Abreu e Lúcio Cardoso recorreram ao confessionalismo em seus escritos, adaptando-o às especificidades de seus contextos.

Na seção seguinte, procederemos à análise do poema *Papoulas em Julho*, de Sylvia Plath, com base em princípios estéticos e temáticos, identificando nele marcas características da produção confessional da época.

3 POPPIES IN JULY: UMA BREVE ANÁLISE ESTÉTICA E TEMÁTICA

A princípio, vejamos o poema traduzido para a língua portuguesa por Rodrigo Garcia Lopes (Plath, 2007, p. 37):

Papoulas em Julho

Pequenas papoulas, pequenas chamas do inferno,
Vocês fazem mal?

Vocês se mexem. Não posso tocá-las.
Meto as mãos entre as chamas. Nada me queima.

E me cansa ficar aqui olhando
Vocês se mexendo assim, enrugadas e rubras, como a pele de uma boca.

Uma boca sangrando.
Pequenas franjas sangrentas!

Há fumos que não posso tocar.
Onde estão seus ópios, suas cápsulas que enjoam?

Se eu pudesse sangrar, ou dormir! -
Se minha boca se unisse a essa ferida!

Ou se seus licores me sedassem, nessa cápsula de vidro.
Entorpecendo e acalmando.

Mas sem cor. Incolor

Papoulas em Julho é um poema curto, escrito em verso livre, composto por quinze versos distribuídos em oito estrofes. O título sugere, a princípio, uma paisagem pastoral; contudo, o conteúdo afasta-se da contemplação bucólica da natureza. Logo nos primeiros versos, o eu lírico adota um tom irônico ao referir-se às papoulas como “pequenas papoulas”, que, em seguida, deixam de ser “inofensivas” para se converterem em “chamas do inferno”, levando-o a questionar-se sobre os possíveis efeitos nocivos dessas flores.

Os versos apresentam uma descrição densa da paisagem, marcada por uma intensidade confessional que se recria à medida que a escrita avança. Nesse sentido, o

teórico francês Georges Gusdorf¹ (1991 *apud* Hervot, 2013, p. 101) observa que o indivíduo que narra a própria vida comprehende a singularidade de suas experiências e a relevância de registrá-las. Para ele, a poesia confessional só se efetiva quando há consciência de si, de modo que a escrita implica repensar a própria vivência à luz do que foi e do que continua sendo. O autor denomina essa produção de “escritas do eu”, uma vez que as entende como epifanias do ser individual, não excludentes entre si, mas passíveis de complementariedade.

Sylvia Plath manifesta, em sua poesia, a chamada “escrita do eu”, apresentando em seus versos um verdadeiro “resumo” do período em que descobriu a traição do marido e se divorciou, narrando sua história de vida sem recorrer a exposições públicas ou revelações explícitas de sua intimidade.

A papoula vermelha assume múltiplas simbologias: embora aparente delicadeza, é dela que se extrai o ópio, substância de efeito sedativo e potencialmente letal, evocada por Plath em expressões como “pequenas franjas sangrentas”. O eu lírico declara não saber se pode “sangrar ou dormir!”, evidenciando a dicotomia entre vida e morte, entre a experiência do real e a alucinação provocada pelo ópio. Nesse sentido, o poema articula a fragilidade da flor com o poder da substância dela derivada, construindo um símbolo ambivalente de vulnerabilidade e ameaça.

Sylvia Plath confere ao poema uma sensação de perigo, tormento e tensão ao comparar as papoulas às “chamas do inferno”. Trata-se de um sentimento de apreensão, no qual o eu lírico manifesta o desejo de tocá-las por sua beleza “hipnotizante”, mas é incapaz de fazê-lo devido ao medo e à insegurança, revelando toda a angústia da poeta. Vale ressaltar que *Papoulas em Julho* foi escrito no verão de 1962, período em que Plath havia se separado de seu marido, o poeta Ted Hughes, após a descoberta de um caso extraconjugal.

Os versos do poema são curtos e não apresentam um fluxo narrativo contínuo. Observa-se a impressão de que o eu lírico se encontra embriagado ou anestesiado, possivelmente sob efeito de alguma substância, e manifesta-se por meio de “flashes imagéticos”, intensificando a atmosfera confessional e a sensação de vulnerabilidade subjetiva.

Estudos biográficos sobre Sylvia Plath indicam que a escritora conviveu ao longo da vida com depressão e bipolaridade, alternando estados extremos de confiança, liberdade e autoestima com períodos de depressão intensa, nos quais afloravam sentimentos de incapacidade, aprisionamento, vingança e atração pela morte.

Para Plath, a escrita desempenhava a função de canalizar essa complexa mistura de emoções. Em diversas ocasiões, afirmou que seus poemas tinham a função de “saída da desordem emocional, cumprindo o papel de religar, ordenar e recriar a vida, finalmente falha” (Tavares Júnior, 2011, p. 27).

Supõe-se que as papoulas descritas por Plath tenham sido escolhidas para simbolizar a perda do amor, uma vez que, por sua cor vermelha, evocam simultaneamente a paixão e o caráter sanguinolento, reforçando a ambivalência temática do poema.

¹ GUSDORF, G. *Lignes de vie I. Les écritures du moi*. Paris: Odile Jacob, 1991.

Além de suas outras simbologias, a papoula tornou-se também um símbolo da memória dos mortos, uma vez que, após a Primeira Guerra Mundial, as papoulas vermelhas foram as primeiras flores a brotar nos campos de batalha devastados de Flandres, representando tanto os mortos quanto os sobreviventes que sofreram com a guerra.

Em contraste com essa simbologia histórica, *Papoulas em Julho* apresenta um tom marcado pelo desespero e pela dor da autora, refletindo a busca incessante pelo esquecimento dessa angústia, metaforicamente alcançado pelo sono induzido pelos “licores” que a “sedavam”. Esse recurso reforça traços centrais da experiência plathiana, como a angústia mental e a sensação de alienação.

Papoulas em Julho, assim como diversos outros textos de Sylvia Plath, apresenta conteúdo autobiográfico, enquadrando-se na categoria dos poemas confessionais, ao retratar experiências vividas pela autora.

No contexto da poesia confessional, Beach² (2003 *apud* Azevedo Filho; Tavares Júnior, 2018, p. 20) destaca que “o apelo da poesia confessional estava diretamente relacionado à vida tempestuosa dos poetas”, marcada por colapsos mentais, depressão e divórcio, como ocorreu no caso de Plath, culminando, tragicamente, em seu suicídio, em fevereiro de 1963.

No poema, o eu lírico encontra-se incapaz de “tocá-las”, cansado de observar o mundo ao seu redor sem poder interagir; expressa-se ao afirmar: “meto as mãos entre chamas. Nada me queima”. Nesse contexto de alienação emocional, a poeta não consegue mais experienciar o amor, tampouco “arder com o calor do amor”, em razão da traição sofrida.

Em entrevista, Sylvia Plath reconhece que sua poesia deriva diretamente de suas experiências, sentimentos e emoções: “Penso que minha poesia seja fruto direto da experiência de meus sentidos e da minha emoção, mas devo dizer que não posso ter simpatia por aquele ‘grito do coração’” (Plath, 2007 *apud* Alcantara; Barreto Júnior, 2019, p. 6).

Nos versos “E me cansa ficar aqui olhando / Vocês se mexendo assim, enrugadas / e rubras, como a pele de uma boca. / Uma boca sangrando. / Pequenas ranjas sangrentas!”, observa-se a comparação entre as pétalas da papoula e uma boca pintada de vermelho, cor que simultaneamente remete ao amor e ao sangue da morte. Além disso, os versos revelam traços de melancolia, compreendida, à luz da teoria freudiana, como uma perda “de natureza mais ideal” – não estritamente relacionada à morte, mas ao objeto que se “se perdeu como objeto de amor” (Freud³, 2016 *apud* Alcantara; Barreto Júnior, 2019, p. 7).

Nos versos “Há fumos que não posso tocar. / Onde estão seus ópios, suas cápsulas / que enjoam? [...] Ou se seus licores me sedassem, / nessa cápsula de vidro. / Entorpecendo e acalmando.” o eu lírico expressa o desejo de escapar da realidade por meio de substâncias alucinógenas, embora manifeste também receio em relação aos

² BEACH, Christopher. *The Cambridge Introduction to Twentieth-Century American Poetry*. Cambridge: Cambridge University Press, 2003.

³ FREUD, Sigmund. **Luto e melancolia**. Jornal de Psicanálise, São Paulo, v. 49, n. 90, p. 207-220, jun. 2016. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/jp/v49n90/v49n90a16.pdf>.

efeitos sedativos e calmantes que estas poderiam provocar. Em alusão às tentativas de suicídio de Sylvia Plath, tais versos podem ser interpretados como uma confissão velada do anseio de fugir da dor provocada pela separação, evocando o uso do ópio, extraído da papoula, como metáfora para esse processo de entorpecimento.

Em contrapartida, Azevedo Filho e Tavares Júnior (2018, p. 25) argumentam que a poética de Plath “se diferencia da tese propriamente confessionalista, a partir do momento em que seus poemas carregam, apesar da matéria factual, uma atmosfera performática e teatral”, ou seja, a poeta cria personagens líricos que dramatizam suas experiências, preservando, ainda que de forma velada, uma dimensão estética e simbólica que transcende a mera exposição autobiográfica.

No desfecho do poema, o eu lírico declara encontrar-se “sem cor. / Incolor.”, expressão que simboliza a ausência de sensações e a anulação dos sentimentos. A papoula, metáfora central do texto, converte-se, assim como a vida da poeta, em algo destituído de vitalidade: entorpecida pelo ópio, perde sua dor, mas também sua intensidade cromática, transformando-se em imagem de vazio, morte e silêncio. Dessa forma, Plath, por intermédio de sua persona poética, evidencia a verdade do sofrimento mental e emocional decorrente da separação conjugal, condensando em imagens líricas o processo de esvaziamento existencial que a marcou.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O poema *Papoulas em Julho*, assim como outros textos de Sylvia Plath, incluindo contos e o romance *A redoma de vidro*, pode ser interpretado como uma confissão plathiana, na medida em que a autora expõe, ainda que por meio de simbologias, uma subjetividade dilacerada pelo vazio decorrente da traição e pelo efeito sedativo do ópio, que a acalmava. Essa confissão não se apresenta de forma literal, mas utiliza a papoula como objeto representativo do eu lírico.

Conforme demonstrado neste estudo, as papoulas vermelhas atuam como símbolos de vida e morte, relacionando-se também ao contexto do pós-Primeira Guerra Mundial; ao mesmo tempo, evocam beleza, delicadeza, poder e toxicidade. Enquanto símbolo, a flor expressa toda a perturbação mental de um indivíduo que oscila entre euforia e depressão, vivendo em constante desequilíbrio emocional, transitando entre dor e anestesia.

Em *Papoulas em Julho*, Plath não apresenta apenas um poema sobre uma flor delicada da qual se extrai uma substância mortal; trata-se de uma confissão poética acerca da dor da traição e do abandono, expondo seu íntimo por meio de metáforas que compõem uma poética melancólica, não pelo luto da morte, mas pelo luto do amor perdido e da impossibilidade de pertencer novamente a um ser amado.

Sylvia Plath constrói em *Papoulas em Julho* uma fusão estética e temática que ultrapassa a dimensão confessional, elaborando imagens simultaneamente belas e contraditórias, revelando um espaço lírico onde beleza e dor dialogam e se confundem. O poema evidencia a constante tensão entre o desejo de vida e a atração pela morte, entre a completude e o vazio existencial.

Em termos estéticos, os versos apresentam ritmo fragmentado, refletindo o estado emocional também fragmentado da poeta, que busca atenuar suas dores por meio do entorpecimento, uma vez que se encontra impossibilitada de retomar o amor perdido.

Em suma, *Papoulas em Julho* propicia uma reflexão ampla sobre os limites da existência e suas fragilidades, configurando uma busca incessante pela evasão e pela fuga do real.

REFERÊNCIAS

ALCANTARA, Cassiane dos Santos; BARRETO JÚNIOR, Manoel. Melancólico sopro de vida: a poética de Sylvia Plath e a humanidade confessional. **Babel: Revista Eletrônica de Línguas e Literaturas Estrangeiras**, v. 9, n. 2, p. 1-17, 30 dez. 2019.

Disponível em: <http://dx.doi.org/10.69969/revistababel.v9i2.7628>.

AZEVEDO FILHO, Moisés Silva de; TAVARES JÚNIOR, José Mariano Tavares. A Poética Confessional em *The Bell Jar*, de Sylvia Plath. **Revista Colineares**, Mossoró, v. 05, n. 02, p. 18-32, jul./dez. 2018. Disponível em:
<https://periodicos.apps.uern.br/index.php/RCOL/article/view/154>.

HERVOT, Brigitte Monique. Georges Gusdorf e a autobiografia. **Lettres Françaises**, v. 14, n. 1, p. 95-110, 2013. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/lettres/article/view/6430>.

PLATH, Sylvia. **Poemas**. Tradução de Rodrigo Garcia Lopes e Maurício Arruda Mendonça. 2. ed. São Paulo: Iluminuras, 2007.

TAVARES JÚNIOR, José Mariano. **A performance do suicídio em Ariel, de Sylvia Plath**. 2011. Dissertação (Mestrado em Literatura Comparada). Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem, Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Natal, 2011. 130 f. Disponível em: <https://repositorio.ufrn.br/jspui/handle/123456789/16211>.